

Estratégias de defesa no processo de morte e morrer: um desafio aos profissionais da enfermagem

Defense strategies in the death and dying process: a challenge for nursing professionals

Estrategias de defensa em el proceso de muerte y morir: un desafío para profesionales de enfermería

Recebido: 18/11/2019 | Revisado: 21/11/2019 | Aceito: 02/12/2019 | Publicado: 12/12/2019

Samantha Carvalho dos Mons

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6489-1186>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: samanthacmons@gmail.com

Glauca dos Santos Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2886-9958>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: glauca.enf2015@gmail.com

Lorena Lourenço Massarra de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3023-3089>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: lotemassarra@gmail.com

Caroline do Nascimento Leite

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0778-5659>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: carolnascimento0402@gmail.com

Ronald Teixeira Peçanha Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5432-9210>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: fernandesronald1@gmail.com

Resumo

Identificar através da revisão de literatura as estratégias de defesa adotadas pelos profissionais de enfermagem diante do processo de morte e morrer. Estudo descritivo com base na revisão integrativa de literatura. A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados da Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Bases de Dados de Enfermagem e

Medical Literature Analysis and a Retrieval System Online. Após utilização dos critérios de inclusão e exclusão, cruzamento de dados e avaliação da relevância dos estudos selecionados 22 artigos referentes à temática para composição do artigo. Dentre as principais estratégias de defesa adotadas pelos profissionais da enfermagem frente ao processo de morte e morrer destacam-se: resiliência, apoio profissional, banalização, fuga, religiosidade e empatia e formação e capacitação profissional. Diante disso infere-se que o profissional da enfermagem está em constante vulnerabilidade e fragilidade diante das suas próprias emoções no que concerne no atendimento na área de assistência.

Palavras-chave: Morte; Tanatologia; Enfermagem.

Abstract

To identify through literature review the defense strategies adopted by nursing professionals facing the process of death and dying. Descriptive study based on the integrative literature review. The search for the studies was performed in the Latin American Literature and Caribbean Health Sciences, Nursing Databases, and the Medical Literature Analysis and Retrieval System Online databases. After using the inclusion and exclusion criteria, cross-checking data and evaluating the relevance of the selected studies, 22 articles referring to the theme for article development. Among the main defense strategies adopted by nursing professionals against the process of death and dying are: resilience, professional support, trivialization, escape, religiosity and empathy and professional qualification and training. Therefore, it is inferred that the nursing professional is in constant vulnerability and fragility in the face of their own emotions regarding care in the assistance area.

Keywords: Death; Thanatology; Nursing.

Resumen

Identificar a través de la revisión de la literatura las estrategias de defensa adoptadas por los profesionales de enfermería delante del proceso de muerte y morir. Estudio descriptivo basado en la revisión integradora de la literatura. La búsqueda de los estudios se realizó en las bases de datos de la literatura de América Latina y del Caribe, en ciencias de la salud, bases de datos de enfermería y Medical Literature Analysis and a Retrieval System Online. Después de utilizar los criterios de inclusión y exclusión, verificar los datos y evaluar la relevancia de los estudios seleccionados, 22 artículos hacen referencia al tema para la composición del artículo. Entre las principales estrategias de defensa adoptadas por los profesionales de enfermería contra el proceso de muerte y morir se destacan: resiliencia, apoyo profesional,

trivialización, escape, religiosidade, empatía y formación y capacitación profesional. Ante esto, se infiere que el profesional de enfermería se encuentra en constante vulnerabilidad y fragilidad frente a sus propias emociones con respecto a la asistencia en el área de atención.

Palabras clave: Muerte; Tanatología; Enfermería.

1. Introdução

A morte, para muitos, é uma etapa natural da vida, porém algumas pessoas podem se distanciar deste processo como um mecanismo de defesa, por medo e por se tratar de um tabu. Os enfermeiros vivenciam sentimentos de impotência, tristeza, medo e sofrimento ao lidar com a morte e, muitas vezes, se sentem despreparados para o seu enfrentamento. Desse modo, o distanciamento do paciente e da família pelo profissional pode ser uma estratégia de enfrentamento no intuito de minimizar a possibilidade de se estabelecer um vínculo afetivo e de sofrer com a perda (Souza & Souza et al., 2013).

Os entendimentos fisiológicos do processo de morrer, bem como o conhecimento acerca das suas causas, propiciam um ambiente de maior segurança na realização de condutas por parte dos profissionais da enfermagem e fortificam seu entendimento acerca da finitude no processo de morrer minimizando os sentimentos de culpa, fracasso e derrota. Assim, cumpre destacar que esse entendimento pode variar e deverá ser encarado de maneiras distintas. Além disso, embora pareça fácil na visão científica, o conceito de morte é um fenômeno complexo, que envolve múltiplos fatores e interpretações, inclusive religiosa, sendo, muitas vezes, motivo de debates e dúvidas, mesmo nos dias atuais. No entanto, a morte vem sendo modificada ao longo da história (Borges & Mendes, 2012).

Ao abordar as estratégias de defesa adotadas pelos profissionais da enfermagem frente à morte percebe-se que estes podem assumir posturas distintas, principalmente se vivenciarem a morte de uma pessoa como um fracasso e/ou como um teste de competência profissional, no qual o modelo centrado na clínica curativa associado ao tabu social da morte favorece a adoção da obstinação terapêutica ou abandono do paciente. Em ambos os casos, a morte social antecede a morte biológica, agravando o sofrimento de pacientes, familiares e profissionais (Borges & Mendes, 2012). Essas estratégias podem ser tanto individuais quanto coletivas, e demonstram-se como artifícios importantes no momento da comunicação de notícias difíceis aos familiares de forma mais humanizada, porém sem deixar de lado os preceitos da competência técnica acerca das informações a serem fornecidas (Figueira et al., 2016).

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo identificar através da revisão de literatura as estratégias de defesa adotadas pelos profissionais de enfermagem diante do processo de morte e morrer.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo do tipo revisão integrativa da literatura considerando o objeto de estudo e suas características. A revisão integrativa busca estabelecer aparato teórico ao trabalho, bem como identificar o estágio atual do conhecimento referente a um tema específico. Para garantir credibilidade ao estudo, a revisão deve ser constituída por uma discussão crítica do estado atual da questão e não apenas por referências ou sínteses dos estudos já realizados (Gil, 2012).

A busca dos artigos na literatura foi realizada nas bases de dados da Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), bases de dados da enfermagem (BDENF) e *Medical Literature Analysis and a Retrieval System Online* (MEDLINE) entre os meses de janeiro e junho de 2019. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos originais, completos e de revisão publicados na língua nativa, com recorte temporal de 2014 a 2018, textos de livre acesso, com autoria ou co-autoria da enfermagem. Utilizaram-se as terminologias e descritores em Ciências da Saúde (DECS), sendo realizada a integração entre eles, recorrendo-se ao operador booleano *AND*. As palavras utilizadas foram: Processo de morte e de morrer *AND* enfermagem, luto *AND* enfermagem, e atitude frente à morte *AND* enfermagem. Os critérios de exclusão foram: estudos realizados por outras áreas do conhecimento, repetição de artigos e que não estivessem disponíveis na íntegra.

3. Resultados e discussão

Para busca dos estudos nas fontes de dados mencionadas (Quadro 1), foi elaborado um instrumento para síntese das informações, em que foram coletados os seguintes dados: ano de publicação, título do artigo e autores. A leitura minuciosa do material encontrado permitiu verificar a relevância das obras à pesquisa resultando na seleção de 22 artigos, descritos a seguir:

Quadro 1: Artigos selecionados de acordo com fonte, título, autor/ano e objetivo do estudo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2019.

Ano	Títulos	Autores
2014	Resiliência e morte: o profissional de enfermagem frente ao cuidado de crianças e adolescentes no processo de finitude da vida	Santos, R. A.; Moreira, M. C. N.
2015	Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: percepções, saberes e práticas na perspectiva da equipe multiprofissional	Silva, A. F.; Issi, H. B.; Motta, M. G. C.; et al.
2016	Convivendo com a morte e o morrer	Barbosa, A. M. G. C.; Massaroni, L.
2016	Significados do processo do morrer e da morte para a equipe profissional	Barbosa, A. G. C.; Massaroni, L.; Lima, E. F. A.
2016	Representações sociais de enfermeiros sobre o processo de morte e morrer em UTI	Silva, C. R. L.; Abrão, F. M. S.; Oliveira, R. C.; et al.
2016	Cuidados paliativos e luto: um estudo bibliométrico	Fernandes, M. A.; Costa, S. F. G.; Morais, G. S. N.; et al.
2017	A morte e o processo de morrer: ainda é preciso conversar sobre isso	Lima, R.; Borsatto, A. Z.; Vaz, D. C.; et al.
2017	Morte: reflexões para o cuidado de enfermagem no espaço hospitalar	Rosembargue, J. O. C.; Silva, P. S.
2017	Desafios de ensino-aprendizagem da Enfermagem para o cuidado frente ao morrer humano - percepções docentes	Nunes, E. C. D. A.; Santos, A. A.
2017	Processo de morte/morrer de pessoas com HIV/AIDS: perspectivas de enfermeiros	Angelim, R. C. M.; Brandão, M. G. M.; Freire, D. A.; et al.
2017	Profissionais paliativistas e suas contribuições na prevenção de luto complicado	Braz, M. S.; Franco, M. H. P.
2017	Sentimentos de enfermeiros que atuam junto a pacientes com câncer em fase terminal	Alencar, D. C.; Carvalho, A. T.; Macedo, R. L.; et al.
2017	Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área da saúde	Souza, M. C. S.; Sousa, J. M.; Lago, D. M. S. K.; et al.
2018	Desvelando os cuidados aos pacientes em processo de morte/morrer e às suas famílias	Prado, R. T.; Leite, J. L.; Castro, E. A. B.; et al.
2018	Perspectivas de profissionais de enfermagem sobre a morte na emergência	Baldiserra, A. E.; Bellini, L. C.; Ferrer, A. L. M.; et al.
2018	Processo de morrer em unidade de terapia intensiva pediátrica	Souza, P. S. N.; Conceição, A. O. F.
2018	Reflexões sobre a morte e o morrer na UTI: a perspectiva do profissional	Vicensi, M. C.
2018	Sentimentos e dificuldades no enfrentamento do processo de morrer e de morte por graduandos de enfermagem	Sampaio, C. L.; Neri, M. F. S.; Araújo, M. Â. M.; et al.

2018	Profissionais de saúde e o processo de morte e morrer dos pacientes: uma revisão integrativa	Perboni, J. S.; Zilli, F.; Oliveira, S. G.
2018	Aprendizagem baseada em problemas no ensino da Tanatologia, no curso de graduação em enfermagem	Sampaio, C. L.; Neri, M. F. S.; Araújo, M. Â. M.; et al.
2018	Processos de confronto dos enfermeiros face à morte inesperada de crianças e adolescentes	Lima, L. M. M.; Pinto, C. A. S.; Gonçalves, S. M. B.
2018	Angústias psicológicas vivenciadas por enfermeiros no trabalho com pacientes em processo de morte: estudo clínico-qualitativo	Bastos, R. A.; Quintana, A. M.; Carnevale, F.

Fonte: As autoras, 2019.

Tanto a análise quanto a síntese dos dados extraídos dos artigos foram trabalhadas com vistas a examinar, relatar e organizar os dados e reunir a produção do conhecimento acerca do tema explorado permitindo a discussão dos achados.

Os profissionais da enfermagem ainda em seu processo de formação acadêmica são conscientes do compromisso com o cuidar para promoção, recuperação e preservação da vida dos pacientes que estão sob seus cuidados. Assim, a morte passa a ser encarada como um imprevisto ou um fracasso em sua vida profissional. De acordo com Bandeira et al. (2014) em seu estudo: A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem, essa lacuna nas matrizes curriculares durante a formação do discente de enfermagem, mostra a dificuldade para lidar com a temática morte-morrer.

Os temas morte, dor e doenças são importantes para a promoção da resiliência no trabalho dos profissionais da enfermagem, que ao ponderar as questões referentes à gestão humanizada em contexto de cuidados em saúde, reforça as emoções que cada profissional vivencia como indivíduo (Hayasida; Assayag; Figueira, et al., 2014). Diante disso, o apoio profissional é importante, uma vez que:

[...] o diálogo e o compartilhamento de sentimentos entre a equipe possibilita suporte psicoemocional aos profissionais, pois no momento em que os enfermeiros trocam experiências e sentimentos com outros profissionais, o conforto e amparo são percebidos, uma vez que a contextualização dos fatos e a troca de conhecimentos sobre o assunto permitem a aceitação do processo de morte e morrer (Salum et al., 2017, p. 531).

Desta maneira entende-se que o apoio profissional auxilia no suporte para lidar com o processo de morte e morrer, posto que a educação permanente, resiliência nas atividades empregadas diariamente e a gestão voltada à minimização do luto profissional com o necessário reforço das emoções deste colaborador, reduzindo os efeitos da perda no lidar com os próximos pacientes. (Salum et al., 2017)

O profissional da enfermagem constantemente vivencia situações de morte e, cabe a ele acompanhar o cliente e a família, no decorrer do processo da morte, sendo essa uma tarefa complexa. A equipe de enfermagem acaba se vendo com necessidade de enfrentamento de diversas reações, tais como: impotência, tristeza, culpa, perda e medo. Tais sentimentos estão relacionados ao medo do desconhecido, o que leva-os à indispensabilidade de raciocinar a respeito do que negam. Outros profissionais conseguem encarar a morte como um fato natural, ou utilizar-se de mecanismos de defesa, aderindo a uma postura indiferente ao ocorrido possivelmente negando ou racionalizando a finitude da vida (Lima & Costa Júnior, 2015). Há controvérsia na questão de vínculo entre o profissional e o paciente, visto que:

Os longos períodos de internação favorecem a criação e fortalecimento do vínculo entre pacientes, familiares e enfermeiro, significando as interações e os cuidados do dia-a-dia como algo afetoso e fraterno. Tal apego e sensibilização são revelados como positivos, uma vez que evidenciam a humanização e integralidade do cuidado, entretanto, acabam por dificultar a conduta a ser tomada no processo de morte e morrer. (Salum et al., 2017, p. 531)

Percebe-se que parte dos profissionais na tentativa de defender-se de seu próprio sentimento retrai-se, mantendo-se distante do paciente, de forma a não criar vínculo, evitando desenvolver sentimentos de apego por não conseguir lidar com sentimentos relacionados à morte. Esse distanciamento propicia uma falsa barreira protetora de forma a não criar vínculo nem com o paciente e nem com a família, evitando sofrimentos futuros, o que acaba prejudicando na boa prestação dos cuidados de enfermagem (Salum et al., 2017). Deprendemos que alguns profissionais da enfermagem desde a academia buscam entender o fenômeno da morte através da religiosidade. Sobre isso, pontua-se que:

A grande maioria dos acadêmicos de enfermagem considera a morte como uma passagem da vida humana para a vida espiritual, ausência dos sinais vitais, um processo doloroso e natural, o fechamento de um ciclo. Para alguns a morte ainda representa concepções, como “fim do sofrimento”, “passagem”, “paraíso”, “início de uma nova vida”, “Deus”, “reencarnação”, representação das crenças e convicções espirituais do ser humano que busca uma possível explicação, um conceito para a morte. As palavras são insuficientes para descrever o processo de morte e morrer a partir do conhecimento disponível e complexidade do evento. É difícil definir a morte em um único conceito, cada pessoa tentará à sua maneira simbolizá-la (Ivo & Pedroso, 2017 p.311).

Em concomitante, os autores Abrão et al., (2013) argumentam a conduta do enfermeiro na vivência do processo de morte que tendo como mecanismo defesa, o entendimento que a morte se apresenta como o fim do sofrimento, ou alívio para o paciente, familiares e, sobretudo, da equipe de enfermagem. Desta forma, resta que o reflexo da esperança religiosa nas perspectivas compreendidas no âmbito das representações sociais

através de conjuntos de conhecimentos e crenças desenvolvidas coletivamente tendo como consciência que a morte não existe, e que nunca estamos sozinhos na passagem. Para um indivíduo em um contexto sociocultural e religioso a morte pode evidenciar o fim do corpo, alma e espírito, no juízo de que a vida não transcende, ou ainda o encontro com Deus, ou uma fonte de vida, podendo ser mística e eterna.

Diante da formação profissional, os autores Lima e Andrade (2017) relatam que a morte é um tema pouco discutido na graduação, pois focam na reabilitação e na cura dos pacientes. Diante disso, os profissionais de saúde sentem-se cada vez mais fracassados quando se deparam com a morte de um paciente. A carência de formação voltada para o processo de morte e morrer desde a graduação na área de saúde dificulta para que o profissional compreenda que faz parte do ciclo natural da vida. Essas dificuldades devem ser revertidas com a capacitação profissional na temática tanto na graduação quanto nos programas de treinamento no início da prática profissional dando continuidade a educação dos enfermeiros para desenvolverem habilidades e competências para que tornem menos traumático. Mencionam também que a formação do tema morte é insuficiente e que os profissionais de saúde necessitam de um maior aperfeiçoamento de acordo com as vivências na prática (Lima & Andrade, 2017).

Bandeira e Bisogno (2011) citam a formação deficiente dos enfermeiros para trabalhar com o enfrentamento da morte e do morrer e referem que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de graduação em Enfermagem não se manifestam de uma forma clara sobre a assistência a doentes classificados como fora de possibilidades terapêuticas de cura, em iminência da morte, isso torna essencial aprofundar essa temática na formação profissional para aprender a lidar com esse evento e ser capaz de realizar a práxis de enfermagem baseada na humanização do cuidado.

É de suma importância que as instituições de ensino da saúde possibilitem a graduação de enfermeiros que sejam capazes de lidar com a morte, sobrepondo seu conhecimento e habilidades ao lidar com situações de vida e de finitude na arte de cuidar de sua profissão. Uma vez que as instituições de ensino são voltadas para a formação dos profissionais da saúde, onde a construção de saberes dos seus discentes e docentes está direcionada para o prolongamento do viver, acabam deixando algumas lacunas, principalmente no espaço psíquico, na preparação desses profissionais ao se confrontar com a morte. (Santos & Bueno, 2010).

Segundo Mochel et al. (2011), os estudos sobre o processo de morrer têm um papel indispensável no decorrer do aprendizado dos profissionais da saúde na graduação, para que

estes venham a fortalecer habilidades psicológicas e técnicas ao encarar casualidades que compreendem essa temática. É preciso reduzir o distanciamento das questões relacionadas a esse fenômeno, pois muitas vezes usamos mecanismo de defesa que resultam do despreparo no decorrer da formação acadêmica.

Os autores Jardim et al., (2011); Pinho e Barbosa, (2010) argumentam que durante a formação acadêmica do enfermeiro, o assunto morte é pouco abordado, tendo como um contrapeso a grande ênfase à cura e ao tratamento da enfermidade do paciente. As salas de anatomia usadas para as aulas práticas nos cursos de graduação em saúde muitas vezes amedrontam o acadêmico e essas aulas usualmente são a única vivência com o tema. Há pouca abordagem a respeito do campo das emoções, das perturbações e das mudanças que a possibilidade da morte acarreta. Júnior e Eltink (2011) defendem que nos currículos da área de formação dos profissionais de saúde, o assunto morte tem sido no máximo, abordado sob o ponto de vista científico e em categorias anatômicas, e não no aspecto psíquico e na influência que o processo de morte e morrer acarreta nos cuidados de enfermagem do ponto de vista profissional.

4. Conclusão

A morte é conceituada como um fim das atividades vitais de um organismo, ainda assim, pode ter múltiplas interpretações ao alinharmos com questões culturais e sociais. Trazendo esse tema para a realidade cultural, conseguimos visualizar que a população intrinsecamente tende a ter como conduta corriqueira se esquivar e negar o fator morte, vendo-a como fracasso, interrupção e uma ocorrência obscura, o que não ausenta esses mesmos sentimentos angustiante remanescente da cultura assale do mesmo modo os profissionais da enfermagem.

Com a evolução tecnológica permitindo novas possibilidades de promoção, reabilitação e manutenção da vida, tendo como objetivo prolongar a vida e retardar os processos que levam ao óbito, os profissionais da enfermagem em especial desenvolvem a cultura negativista da morte ao agarrarem-se às tentativas incansáveis de vencer a finitude. Entretanto, a morte que é uma etapa natural tornou-se um tabu, causando grandes temores às pessoas. Esses profissionais, ao lidar diariamente com a morte dos pacientes, experimentam sensações de impotência, tristeza, medo e fracasso. Aprenderam desde a sua graduação a promoverem cuidados com o foco no processo curativo, tendo uma deficiência na abordagem da temática processo de morte e morrer em sua formação. Com isso, os profissionais se

distanciam para evitar o sofrimento de perda, evitando vínculo afetivo entre profissional e paciente.

É essencial à prática clínica que os profissionais de saúde compreendam e tenham para si que o ciclo vital estabelece-se desde o nascimento até a morte, percebendo assim o seu papel na situação complexa que é o fim da vida, onde envolve diversos fatores, especialmente a compreensão do processo de luto. Os resultados do estudo indicam a necessidade de ampliar as discussões sobre o tema, no intuito de fortalecer o profissional da enfermagem na sua totalidade, fechando de vez lacunas do emocional fragilizado, possibilitando atitudes eficazes ao deparar com a finitude, vencendo de forma saudável os fantasmas da morte. Ratifica-se ainda a necessidade de investimentos na capacitação profissional psicológica referenciando um suporte ao luto bem como políticas institucionais que apoiem e ofereçam cuidados aos seus trabalhadores.

Referências

Abrão, F. M. S., Góis, A. R. S., Souza, M. S. B., Araujo, R. A., Cartaxo, C. M. B. & Oliveira, D. C. (2013) *Representações sociais de enfermeiros sobre a religiosidade ao cuidar de pacientes em processo de morte*. Rev. bras. enferm. vol.66 no.5 Brasília. Acesso em 23 de setembro de 2019, em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000500014>.

Bandeira, D.& Bisogno, S. B. C. (2011) *A abordagem da morte e morrer na graduação em enfermagem: Um relato de experiência*. Revista Contexto & Saúde, Ijuí, v. 11, n°.21, Acesso em 05 de junho de 2019, em <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/380>.

Bandeira, D., Cogo, S. B., Hildebrandt, L. M. & Badke, M. R. (2014) *A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros so a ótica de docentes de enfermagem* Acesso em 07 de outubro de 2019, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000200400&lng=en&nrm=iso.

Borges, M. S. & Mendes, N. (2012) *Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer*. Rev. bras. enferm. Brasília, v. 65, n. 2, p. 324-331. Acesso em 07 de junho de 2019, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000200019&lng=en&nrm=iso.

Figueira, A. B., Barlem, E. L. D., Tomaszewski-Barlem, J. G., Antunes, M. M., Ramos, A. M. & Pereira, L. A. (2016) *Estratégias de resistência dos profissionais de Enfermagem diante de situações de morte de recém-nascidos*. Rev. enferm UFPE. Recife, 10(Supl. 4): 3517-23, Acesso em 10 de junho de 2019, em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaEnfermagem/article/download/11125/12611>.

Gil, A. C. (2012). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 6ª ed.

Hayasida, N, M, A., Assayag, R. H., Figueira, I. & Matos, M. G. (2014). *Morte e luto: competências dos profissionais*. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 2014•10(2)•pp.112-121. Acesso em 23 de setembro de 2019, em <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140017>.

Ivo, O. P. & Pedroso, K. O. (2017). *O Processo da Morte e do Morrer: uma Visão dos Acadêmicos de Enfermagem*. Id online Revista Multidisciplinar e de Psicologia, vol.11, n.34, p. 271-280. ISSN: 1981-1179. Acesso em 23 de setembro de 2019, em <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/691/970>.

Jardim, D. M. B., Bernardes, R. M., Campos, A. C. V., Pimenta, G. S., Resende, F. A. R., Borges, C. M. & Santana, J. C. B. (2011). *O cuidar de pacientes terminais: experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular*. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 34, n. 1, p. 123-130. Acesso em 10 de abril de 2019, em <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n4/a2171.pdf>.

Junior, L. & Eltink, C. F. (2011). *A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente*. *Journal of the Health Sciences Institute*, v. 29, n. 3, p. 176-182. Acesso em 12 de setembro de 2019, em https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2011/03_jul-set/V29_n3_2011_p176-182.pdf.

Labate, R. C. & Cassorla, R. M. S. (1999). *A escolha do profissional de saúde em trabalhar com pacientes mastectomizada*. *Rev. Bras. Psiquiatr.* vol.21 n.2 São Paulo Acesso em 15 de junho de 2019, em <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44461999000200006>.

Lima, M. J. V. & Andrade, N. M. (2017). *A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer*. Saúde soc. vol.26 no. 4 São Paulo. Acesso em 23 de setembro de 2019, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902017000400958.

Lima, R. S. & Costa Junior, J. A. (2015). The processo fdeathdying in nurses vision: *Processo de morte e morrer na visão do enfermeiro*. Revista Ciências & Saberes. FAEMA; 1(1): 25-30. Acesso em 24 de setembro de 2019, em <http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/13/8>.

Mochel, E. G., Gurge, W. B., Mochel, A. G. & Farias, A. M. C. (2011). *Análise da formação tanatológica do aluno de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão*. Brasil. InvestEducEnferm, Maranhão, v. 29, n. 2, p. 230-237. Acesso em 10 de outubro de 2019, em <http://aprendeonlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/iee/article/view/4841/9192>.

Pinho, L. M. O. & Barbosa, M. A. (2010). *A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 44, n. 1, p. 107-112. Acesso em 18 de maio de 2019, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100015&lng=em.

Salum, G., Kahl, C., Cunha, K. S., Koerich, C., Santos, T. O. & Erdmann, A. L. (2017). *Processo de morte e morrer: desafios no cuidado de enfermagem ao paciente e família*. Rev. Rene. 18(4): 528-35. Acesso em 30 de setembro de 2019, em <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/20280/30814>.

Santos, J. L. & Bueno, S. M. V. (2010). *A questão da morte e os profissionais de enfermagem*. Revista de Enfermagem da EURJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 484-487. Acesso em 24 de setembro de 2019, em <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a26.pdf>.

Souza e Souza, L. P., Ribeiro, J. M., Rosa, R. B., Gonçalves, R. C. R., Silva, C. S. O. & Barbosa, D. A. (2013). *A morte e o processo de morrer: sentimentos manifestados por enfermeiros*. Revista EnfermeríaGlobal.n. 32, p. 230-237, out. 2013. Acesso em 13 de junho de 2019, em http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v12n32/pt_administracion4.pdf.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Samantha Carvalho dos Mons – 22,5%

Glaucia dos Santos Pereira – 22,5%

Lorena Lourenço Massarra de Lima – 15%

Caroline do Nascimento Leite – 20%

Ronald Teixeira Peçanha Fernandes – 20%